



GREVE DAS CENTRAIS TÉCNICAS - TV OU COMO ACORDAR UM VESPEIRO

Terminou uma das mais importantes greves da história recente da RTP. A greve de ambas as centrais técnicas TV da RTP. Lisboa e Porto juntos!

É o sentimento de muitos de nós, que há muito que esta empresa atravessa difíceis momentos. À experiência traumática da “Troika” e ao sofrimento que ela trouxe consigo, somaram-se sucessivos escândalos internos, uma supervisão inexistente e enormes erros de gestão. Como resultado, a voz da RTP e dos seus trabalhadores silenciou-se durante largos anos, sendo-nos vendida uma narrativa de inevitabilidade do declínio das nossas condições de trabalho que muitos de nós tomámos como a realidade a que tínhamos que nos habituar, e sobre a qual nada havia a fazer senão esperar por melhores dias.

Até que Sexta-feira, dia 19 de Março de 2021, um pequeno grupo de trabalhadores estilhaçou essa realidade, recusando-se a aceitar que trabalhar sendo alvo de injustiças seja algo que tenhamos que suportar em silêncio, decidiu fazer uma greve inédita nestes anos, e explicar aos seus colegas porquê.

Pela positiva, esta greve teve, antes de mais, a adesão dos trabalhadores. De todos os trabalhadores do quadro, apenas um decidiu não aderir, e o serviço, esse, foi assegurado pelas chefias e pela habitual exploração do trabalho precário de quem não está em condições de protestar.

Nunca foi intenção dos trabalhadores das centrais retirar a emissão da RTP do ar – ou outro dia e outro tipo de greve seria executada – , mas mesmo nesta versão “light”, isso não impediu que num Domingo à tarde centenas de milhares de portugueses tenham contemplado, durante minutos, o esplendor das costas da produtora do “The Voice Kids” que ensaiava distraída os jovens concorrentes sem se aperceber da sua súbita celebridade, quando os sinais da emissão em directo da RTP 1 foram erradamente trocados pelo sinal de um estúdio onde decorriam ensaios. Felizmente que foi ali, teria sido bem mais grave se fosse no Telejornal.

Igualmente pela positiva, e algo que muito nos deve orgulhar, a velocidade com que vários técnicos e os responsáveis operacionais mandaram bugiar quem subtilmente os abordou para furar a greve dos seus camaradas das centrais.

A isto juntou-se o grande número de mensagens pessoais e escritas que chegaram aos trabalhadores em greve por parte de outros, apoiando não só a sua luta mas também revelando a sua vontade de se juntar a ela, caso ela se repita.

Pela negativa, esta greve teve, as chefias dos sectores, que mesmo declarando em privado que até concordavam com os motivos por detrás da mesma, se empenharam até quase à exaustão física e mental em minorar o seu impacto, praticamente dormindo no serviço. Se as chefias da RTP quase sempre concordam com os motivos da greves dos seus subordinados, então porque se empenham sempre tanto em as furar?

Existe uma diferença entre um chefe e um capataz. Um chefe é líder que é seguido pelo exemplo e pelo respeito de todos, já um capataz manda sem autoridade, sem ser exemplo para ninguém e contando com o desprezo de muitos. No episódio mais triste desta greve, ocorrido no Porto, um capataz da RTP chamou um segurança e fechou-se dentro da central técnica para se proteger dos próprios trabalhadores numa acção nunca antes vista nos 64 anos da empresa. O que nos leva a perguntar: Se é esta a nova RTP, quando os jornalistas fizerem greve, os capatazes vão chamar a polícia para guardar à porta da redacção?

Felizmente a A.C.T. fez o seu trabalho e na manhã de ontem uma equipa de inspectores deslocou-se ao CPN para “entrevistar” a pessoa em questão que agora terá que defender as suas acções ou responder por elas, em conjunto com a empresa que arrisca multa avultada por alguém em seu nome ter impedido fisicamente um piquete de greve de exercer o seu direito.

Esta greve tornou interessantes os últimos dias da empresa. Ficámos a saber que a RTP pagou 86 mil euros para que uma empresa externa faça o trabalho de um órgão que já existe com esse único propósito, escolher um conselho de administração. Ficámos também a saber, através de uma “autopromo” do C.A., que a empresa que não pode gastar tostões com os trabalhadores das centrais técnicas... afinal lucrou milhões. Graças ao trabalho de quem?

O problema da RTP não é tanto o dinheiro, é a gestão que dele se faz. O que nos leva talvez ao ponto mais importante que saiu desta greve: Afinal para onde foi o dinheiro que devia ter sido investido nos recursos humanos desta empresa ao longo destes últimos anos?

Estes quatro dias de greve terminaram agora e o balanço é bastante positivo, mas “a greve” ainda não terminou, pode estar apenas a começar. E por isso, esta manhã, em linha com o espírito que sempre tivemos, enviámos uma mensagem ao Conselho de Administração da RTP que se resume a isto: Se quiserem falar, nós estamos disponíveis para escutar, senão, voltaremos dentro em breve com mais gente que, tal como nós, também não é escutada há muito tempo.

Compraram uma greve, acabaram de acordar um vespeiro.

Nas palavras do pensador brasileiro...

*“Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
e muita greve você pode e você deve, pode crer...
muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente
a gente muda o mundo na mudança da mente
e quando a mente muda a gente anda pra frente
e quando a gente manda ninguém manda na gente”*

O programa segue dentro de momentos.

Lisboa e Vila Nova de Gaia, 24 de Março de 2021